



DEPEXT
Departamento de Extensão

PR3
Pró-Reitoria
de Extensão
e Cultura



**CAFÉ COM MÉTODO: ESTRATÉGIAS DE POPULARIZAÇÃO DO
PENSAMENTO CIENTÍFICO APLICADO ÀS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**Ontologia, Epistemologia e Metodologia científica com Alice, a do
País das Maravilhas: construindo conceitos a partir da *fanfic***

Eixo temático: Saberes filosóficos
Gênero textual/discursivo: *Fanfiction*

Autoria: Natali de Souza (FFP/UERJ); Silvia Guimarães (Cap/UERJ); e Wellington Oliveira (FFP/UERJ)

Resumo: Esta proposta didática está dividida em quatro partes, compostas por: 1) fanfic autoral, intitulada “Alice no país do conhecimento”; 2) sugestões de vivências textuais criativas; 3) proposta de atividades pautadas em sequências e gêneros textuais; 4) proposta de atividades linguístico-textual-discursivas; e 5) sugestões para docentes. A proposta foi elaborada na intersecção entre o projeto de Iniciação à Docência “Estratégias de popularização do discurso científico em materiais didáticos de língua portuguesa” (UERJ/CETREINA) e o projeto de extensão “Café com Método: Estratégias de popularização do pensamento científico aplicado aos estudos de linguagem” (UERJ/DEPEXT). Nos projetos, assumimos a popularização da ciência como forma de democratizar a participação das diferentes camadas sociais nas tomadas de decisões políticas – especialmente naquelas relacionadas ao desenvolvimento científico e tecnológico que beneficiem a coletividade e diminuam as desigualdades (Freire, 2021; Piccoli, Stecanelo, 2023). A proposta de aula justifica-se na necessidade de provocar estranhamento em um discurso educacional que naturaliza-elitiza certos modos de fazer ciência, e que apaga outros, cristalizando a hierarquização das diferentes ciências, bem como uma compreensão equivocada a respeito de outras (tal como a crença de que imposições gramaticais seja a ciência que o curso de Letras produz). Por meio da materialidade de uma *fanfic* que explicita os conceitos de ontologia, epistemologia e metodologia, a proposta de aula projeta uma leitura linguístico-textual-discursiva do texto, enquanto provoca vivências com/sobre sequências e gêneros textuais e sugere experiências com escrita criativa. São bem-vindos os *feedbacks* das pessoas que utilizarem/adaptarem esta proposta, de modo que possamos continuar pensando em sua instrumentalidade na popularização do discurso científico; e também na instrumentalização de professores atuantes na Educação Básica com outros materiais didáticos sob a ótica da popularização (metadiscursiva) do discurso científico: cafecommethodo@gmail.com.

Palavras-chave: Educação linguística; Popularização; *Fanfic*.

Parte I – Proposta de leitura

Pra começo de conversa...



<https://www.spiritfanfiction.com/?locale=pt>

- Toda fanfic precisa estar em alguma plataforma para ser considerada fanfic?
- A fanfic precisa seguir exatamente o enredo do seu texto de origem?
- O que mais você sabe sobre fanfics?

Agora, vamos ler um texto? Você pode acessá-lo pelo link:

<https://www.spiritfanfiction.com/historia/alice-no-pais-do-conhecimento-26365422>. Se não puder acessá-lo, acompanhe o texto pela cópia impressa.

Alice no país do conhecimento

(Natali de Souza *et al*, 2025)

Alice continuava perdida no País das Maravilhas. Tudo era tão impressionante, tudo tão fora do normal. Ela caminhava sem rumo, até que chegou ao alto de uma montanha, que estava envolta em névoa. No topo, havia um mosteiro antigo, onde três figuras enigmáticas pareciam debater havia séculos.

A curiosidade de Alice — sua marca registrada — levou-a a se aproximar delas, escondendo-se entre pedras e arbustos. Mas antes que pudesse ouvir a conversa, foi notada.

— Aproxime-se, sei que está aí — disse a primeira sábia, com uma túnica vermelha.

Alice hesitou, mas então deu um passo à frente.

— Me chamo Metodologia Científica — declarou com voz pausada — Eu forneço o caminho que transforma perguntas em descobertas.

Sua aparência era intrigante: corpo robusto, movimentos exatos, cabeça cúbica onde fórmulas, régulas e gráficos se reconfiguravam sem parar. Os olhos eram como bússolas douradas, girando em cálculos contínuos. Mas ela era também uma enorme orelha que parecia tudo ouvir com atenção.

Alice permanecia parada, tentando entender sua forma, enquanto a escutava.

— Guardo comigo o conjunto de métodos e técnicas que transformam dados em saber sistematizado.

— Então você é a Ciência? Perguntou a menina.

Metodologia sorriu. Estava acostumada a ser confundida assim.

— Eu sou o modo válido e confiável de se chegar até ela. Estabeleço passos, regras, critérios. Sem mim, o conhecimento científico seria só caos e suposição.

Alice franziu a testa.

— Então você é... tipo uma receita de bolo?

Metodologia sorriu.

— Em certo sentido, sim. Mas sou uma receita que se adapta ao que se quer e ao que se precisa conhecer. A depender da pesquisa, uma ou outra receita será utilizada para os cientistas testarem hipóteses.

— Hipótese?

— Sim. hipótese científica. É quando pesquisadores observam algum padrão na investigação e criam uma resposta provisória para as suas perguntas. Com minha ajuda, esta hipótese é confirmada ou rejeitada.

Alice ficou parada, um pouco frustrada. “Nunca tem uma surpresa?”

Metodologia pareceu ter ouvido seus pensamentos.

— Mas nem sempre precisa ser assim — continuou a primeira sábia — Os cientistas podem apenas lançar perguntas e deixar o próprio fenômeno trazer a resposta.... Sou muito versátil! O importante é você saber que eu sempre atuo como ponte entre a pergunta e a resposta.

— E você busca a verdade?

— Não sozinha — respondeu Metodologia, estendendo uma chave de prata. — Mas sem mim, jamais chegaríamos perto da verdade. Não importa o povo, a cultura, ou a tecnologia, toda resposta científica conta intencionalmente comigo!

Alice pegou a chave e continuou pensando, ainda confusa. Como assim a Metodologia Científica não era a própria Ciência? Se sem ela não se fazia ciência, por que ela não podia fazer ciência sozinha?

Foi no meio destas perguntas que, entre os vapores do tempo, que surgiu a segunda sábia.

Ela flutuava, e sua forma mudava o tempo todo: ora feita de pergaminhos, ora de espelhos, ora de luz. Sua voz vinha de todos os lados ao mesmo tempo.

— Eu sou Epistemologia, a estudiosa do saber. Não apenas me relaciono com o conhecimento, mas reflito sobre o que ele é.

— Então... você sabe tudo? — Alice perguntou esperançosa. Se a sábia tinha um nome como esse, ela certamente deveria ter as respostas que Alice buscava!

Epistemologia sorriu suavemente.

— Não. Mas possibilite reflexões sobre o conhecimento. Possibilite perguntas como “O que é saber algo de fato?”, “Como sabemos que algo é verdadeiro?”, “O que torna uma crença justificada?”

A segunda sábia continuou:

— Sou a área da filosofia que investiga o conhecimento: suas origens, seus limites, seus critérios. Quando você se pergunta “isso é mesmo verdade?”, está falando comigo.

Alice arregalou os olhos.

— Então você decide o que é verdade?

— Não decido — respondeu Epistemologia, entregando-lhe uma chave de ouro. — Mas ajudo você a compreender o conjunto dos conhecimentos que guia suas decisões. Posso dizer que sei bastante a respeito das hipóteses levantadas, das teses e dos métodos das diferentes áreas do saber científico.

— E por que sabe tanto? — Até então, para Alice, só o senhor Coelho e a Rainha Vermelha pareciam saber tanta coisa!

— Eu sei, porque tudo isso faz parte de mim: Sou a própria teoria da ciência.

Epistemologia continuou.

— Se eu não souber como as diferentes teorias científicas se organizam, nem como essas teorias funcionam, ou com quais métodos elas funcionam melhor... Se eu não souber como as áreas da ciência combinam o modo como irão observar e compreender aquilo que pesquisam, nem as relações desses paradigmas com a sociedade, ou com a história da humanidade, então, não poderei ser eu!

Parecia ter saído de uma sessão de psicoterapia, do tanto de autoconhecimento, pensou Alice rindo por dentro. Mas outra sensação atravessou a menina, tão rápida quanto o primeiro pensamento: Enquanto Alice sentia sua mente se expandir, sentia também que ainda havia algo que lhe escapava.

Foi então que uma terceira figura surgiu.

Alta, envolta em pedra viva, mas com rachaduras por onde vazavam raízes, estrelas, fósseis e até silhuetas de pluriversos. Era imponente e silenciosa. Sua cabeça era coberta por um véu negro, sob o qual formas apareciam e sumiam como sonhos.

A figura respondeu à pergunta presente no olhar da garota, pois a boca permanecia tapada pela admiração.

— Eu sou Ontologia. Venho antes de tudo. Para conhecer algo, é preciso que ele exista. Mesmo que seja uma ideia desse algo.

Sua voz era grave e sutil, como o eco de um trovão no fundo da mente.

— Eu sou o ramo da filosofia que pergunta: o que é o ser? O que realmente existe? O que é a realidade? Antes de o conhecimento sobre algo ser organizado, é preciso que pensar sobre a existência deste algo.

Alice tentava acompanhar.

— Então você ajuda a responder... se algo é real ou não?

— Exato — respondeu Ontologia, entregando-lhe uma chave de ferro. — Eu investigo as categorias do ser. Eu penso o que há no mundo, e se aquilo que você chama de “mundo” é mesmo real, ou apenas uma construção da sua mente.

— E por que a Metodologia precisaria de você, se... — Alice olhou para as três chaves que, agora, estavam em suas mãos: prata, ouro e ferro.

Compreendeu, enfim, que nenhuma delas abria sozinha a porta da verdade. Era preciso caminhar com as três: organizar o caminho, refletir sobre o saber e pensar sobre o ser. Pensou também que, a depender de como a existência é compreendida, os piores ou melhores métodos podem ser selecionados...

Ao fundo, as sábias murmuraram em uníssono: — Ela finalmente aprendeu — E silenciaram, enfim, a discussão que parecia ter durado séculos.

Alice sorriu e seguiu em frente, sem certezas absolutas, e feliz, por compreender a importância de ter mais perguntas do que nunca — e isso, ela sabia agora, era o verdadeiro começo do conhecimento.

Antes de as três sábias desaparecerem, Metodologia piscou para ela.

E Alice, feliz, continuou sua jornada.

Parte II – Sugestões de vivências textuais criativas

I. ASSUMINDO A PERSONAGEM

Objetivos: Mostrar que diferentes olhares resultam em diferentes respostas; e ressaltar que a evolução coerente do fazer científico é fruto da junção coerente entre ontologia, epistemologia e método científico.

- **Preparação:** Dividir os estudantes em equipes. Cada equipe deverá representar um dos três sábios (metodologia, ontologia e epistemologia).
- **Desenvolvimento:** A partir de uma pergunta feita pelo docente (por exemplo, “Por que o gato de Cheshire desaparece?”), cada equipe deverá pensar a questão sob a lógica filosófica de suas personagens.

II. NÃO PERGUNTE, SE NÃO QUER SABER A RESPOSTA!

Objetivo: Desenvolver habilidades discursivas por meio da gramática reflexiva.

- **Desenvolvimento:** A partir das noções de transitividade verbal e de regência verbal na relação com o verbo “perguntar” (e seus equivalentes) (por exemplo: “Ela indagou ao espelho a razão de sua aparência”), os estudantes deverão formular questões, preferencialmente, criativas e divertidas (“Indaguei ao meu sapado sobre o mistério das meias na máquina de lavar”). Depois, eles deverão identificar qual parte da oração atua como o “nome que complementa o verbo”. Em seguida, poderão ser levados a responder qual a importância da escolha desses complementos para a formulação da questão.
- **Questão para debate:** Por que as indagações necessitam de itens (nomes) em sua resposta?

III. ESTRANHEZA NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Objetivo: Mostrar que a conclusão de um trabalho investigativo gera novas perguntas e encaminhamentos.

- **Preparação:** Dividir os estudantes em equipes. Cada equipe deverá chegar a uma resposta coesa sobre as perguntas feitas. Após as apresentações das respostas dos grupos, o professor poderá ampliar o debate inserindo novas perguntas.
- **Desenvolvimento:** Elencar personagens da história original (Gato de Cheshire, Chapeleiro Maluco, Rainha Vermelha) e solicitar que os estudantes respondam: 1) O que cada personagem representa? (Ex.: O gato = mistério; a Rainha = opressão); 2) Por que estes personagens são considerados ‘estranhos’? Essa estranheza sugere algo sobre a realidade?; e 3) Como a personificação da ontologia, da epistemologia e da metodologia cooperou (ou não) para a compreensão destes conceitos?
- **Questão de debate:** Que perguntas estes personagens não responderam sobre quem eles são e como agem – e que deveriam ser respondidas em textos futuros? Que gênero textual seria mais adequado para que neste texto futuro as explicações faltantes fossem mais bem explicadas? (mangá? HQ? Crônica? Outra fanfic? Etc.)

IV. ASPEANDO

Objetivo: Desenvolver habilidades discursivas relacionadas ao raciocínio lógico, por meio da justificativa (porque) e da hipótese (se).

- **Preparação:** Solicitar que os estudantes coloquem aspas nas palavras “como” e “porque”, que aparecem ao longo da fanfic.
- **Desenvolvimento:** Abrir um diálogo com os estudantes, pautado nas seguintes perguntas:
 - 1) Explique o efeito das aspas nestas palavras. (Sugestão: Indica incerteza, ironia, ou ênfase?)
 - 2) O que aconteceria se as aspas não fossem utilizadas? (Sugestão: Perda de sentido crítico demonstrado pela garota).
 - 3) O que aconteceria se as aspas fossem trocadas para outra palavra da mesma frase?

Possibilidades de respostas para o Aspeando:

- E “por que” sabe tanto? — Até então, para Alice, só o senhor Coelho e a Rainha Vermelha pareciam saber tanta coisa! (Uma resposta possível poderá pautar-se na percepção de que Alice enfatizou a conjunção para questionar a razão do conhecimento da Epistemologia.)
- E por que sabe “tanto”? (Uma resposta possível poderá pautar-se na percepção de que Alice enfatizou o sintagma intensificador para demonstrar admiração pela quantidade de saberes da Epistemologia).
- ❖ “Como” sabemos que algo é verdadeiro? (Uma resposta possível poderá pautar-se na percepção de que é mais forte na garota a curiosidade sobre os procedimentos/técnicas/percursos para saber se algo é verdadeiro).
- ❖ “Como sabemos “que” algo é verdadeiro?” (Uma resposta possível poderá pautar-se na percepção de sua certeza sobre algo ser verdadeiro, e de que ela só não saberia a respeito do método a ser utilizado para chegar a essa verdade. Este tipo de destaque pode servir discursivamente para reforçar que houve uma escolha pelo “que”, e não “se”)
- O importante é você saber que eu sempre atuo “como” ponte entre a pergunta e a resposta. (Uma resposta possível poderá pautar-se na percepção de que a personagem reforça o sentido não literal da ponte, não sendo ela exatamente uma ponte, mas cumprindo uma função semelhante.)
- O importante é “você” saber que eu sempre atuo como ponte entre a pergunta e a resposta. (Uma resposta possível poderá pautar-se na percepção de que não bastaria a Sábia existir, mas que o outro precisa saber sobre ela e como ela atua.)

V. VERDADE, OU REALIDADE? (Discussão ontológica)

Objetivo: Potencializar reflexões envolvendo visão de mundo.

- **Preparação:** A turma poderá ser dividida em dois grandes grupos, para um debate entre Alice e a Rainha Vermelha sobre o tema: “O que é verdadeiro?”. Cada grupo elegerá um representante, que se caracterizará como uma destas duas personagens (a escolha pode ser feita por sorteio ou por outros combinados).
- **Desenvolvimento:** Ao longo do debate, cada grupo ajuda sua representante, fornecendo exemplos do que pode ser considerado “verdadeiro” (objetos, por exemplo) em contraste com o que é “real” (ideia abstrata).
- **Questões para debate**
 - ➔ **Aspecto linguístico:** O professor amplia a questão, provocando perguntas que levem à distinção entre “nomes concretos” (mesa, espelho) e “abstratos” (realidade, loucura).
 - ➔ **Aspectos linguísticos-textuais-discursivos:** A partir das palavras apresentadas, o professor pode perguntar como algumas palavras abstratas atravessam nosso discurso cotidiano: as diferentes classes sociais açãoam o substantivo *trabalho* com a mesma representatividade? As diferentes raças/etnias açãoam o substantivo *racismo* com a mesma representatividade? As diferentes regiões geográficas brasileiras açãoam a palavra *consumo* com a mesma representatividade?

VI. NOMEAR OU AGIR?

Objetivo: Potencializar análise linguística por meio de pistas co(n)textuais.

- **Preparação:** Para a dinâmica, são necessários cartões com a letra V (de verbo) e S (de substantivo. Os cartões podem ser improvisados e confeccionados pelos próprios estudantes.
- **Desenvolvimento:** O educador diz uma frase e destaca uma palavra na frase (“**Conhecimento** é poder” / “Ela, **conhece** a verdade”). Os estudantes levantam cartões “V” (verbo) ou “S” (substantivo) conforme a situação.
- **Questão de debate:** “Que pistas ajudam a saber se uma mesma palavra está indicando uma ação, ou nomeando um objeto?”

VII. LÁPIS DE COR

Objetivo: Evidenciar que a maneira como o personagem foi estruturado está diretamente ligada à sua função.

- **Desenvolvimento:** Os estudantes serão convidados a ilustrar as características dos personagens de modo representativo (por exemplo: observador = um olho enorme). Em seguida, eles deverão explicar por que seu personagem age de determinada forma (Ex: “O olho observa, mas não interfere”).

Parte III – Proposta de atividades com sequências e gêneros textuais

Agora que você leu o texto, vamos refletir um pouco sobre ele?

1) Pensando a fanfic

“Trecho” ou “fragmento” são nomes que damos a partes de um texto. Quando tiramos só um pedacinho de um texto maior para ler ou estudar, estamos lidando com um trecho ou fragmento.

Observe a seguir a transcrição do trecho inicial do texto lido:

“Alice continuava perdida no País das Maravilhas. Tudo era tão impressionante, tudo tão fora do normal.”

- a) Há, no trecho, algum elemento linguístico que remeta à história original de Alice?
 - i. Em caso de resposta afirmativa, transcreva esse elemento;
 - ii. Em caso de resposta afirmativa, explique com suas por que considera que o elemento linguístico copiado na resposta anterior remete à história original.
- b) Você observa alguma **diferença** entre o texto lido e a história original?
 - i. Em caso de resposta afirmativa, demonstre com suas palavras essa diferença, mencionando as duas versões da história.
 - ii. Em caso de resposta afirmativa, transcreva o trecho do texto que comprove essa diferença.
- c) Observe as características do texto (forma e função). Em sua opinião, esse texto é uma fanfic? Justifique sua resposta com uma frase completa.

2. Texto e coerência

- a) Muitos classificam Alice no país das maravilhas como um gênero literário *nonsense*. Onde estaria a característica nonsense na fanfic lida?
- b) Em sua opinião, o absurdo pode cooperar com a lógica? Desenvolva sua resposta com argumentos.

3. O poder criativo da descrição

Narrativa é uma forma de contar uma história. Geralmente, a narrativa tem personagens (que são as pessoas ou seres da história), um lugar onde tudo acontece, um tempo (passado, presente ou futuro; cronológico ou psicológico) e uma sequência de acontecimentos — começo, meio e fim.

- a) Releia atentamente a descrição das três sábias (Metodologia, Epistemologia e Ontologia). Escolha uma delas para copiar o trecho de sua descrição;

- b) Converse com um colega sobre a descrição da personagem escolhida e, em seguida, explique de que forma essa sequência descritiva ajuda a construir o conceito filosófico que esta personagem representa.
- c) A descrição física das três sábias está carregada de simbologia, pois cada uma delas foi criada a partir de características que combinam com o que representam. Associe os elementos da descrição física de cada personagem e sua função.

4. Sequência narrativa e sequência descritiva

- a) Leia os trechos a seguir, para responder qual deles apresenta características de uma sequência narrativa e qual apresenta características de uma sequência descritiva. Fundamente sua resposta.

“ELA CAMINHAVA SEM RUMO, ATÉ QUE CHEGOU AO ALTO DE UMA MONTANHA.”

“SEU CORPO ERA ROBUSTO, COMO O DE UM ESCULTOR CLÁSSICO, MAS COM ARTICULAÇÕES RÍGIDAS, QUASE MECÂNICAS.”

Fundamentar é explicar o porquê da sua resposta e mostrar que ela faz sentido, usando argumentos, exemplos ou partes do próprio texto. Nesses casos, não basta dar a resposta certa: você precisa mostrar como chegou até ela. Responder sem fundamentar é como dizer “Sim. Porque sim”. Responder fundamentando é como dizer “sim, eu sei, e vou te mostrar como cheguei à resposta!”

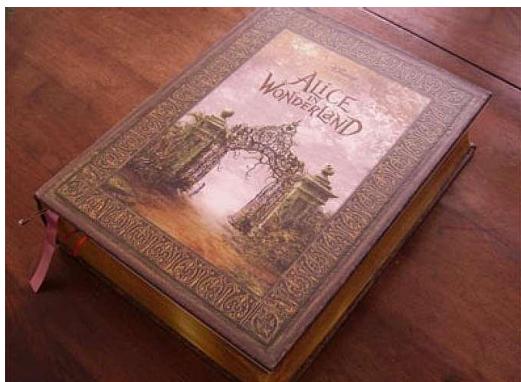
- b) Explique com suas palavras a diferença entre uma sequência narrativa e uma sequência descritiva.

5. Texto, contexto e intertexto

O texto que a gente leu não é a história original da Alice, e sim uma fanfic que usa partes dela (como personagens e situações) para criar algo novo. Dá pra perceber que esse novo texto conversa com o original, fazendo uma conexão entre os dois. Isso é o que chamamos de intertextualidade: quando um texto "puxa" ou "conversa" com outro, usando ideias, personagens ou trechos para criar uma nova história que tem a ver com a primeira.

- a) Você já leu o livro “Alice no País das Maravilhas”, escrito por Lewis Carroll? Não nos referimos ao filme baseado no livro, ou às histórias contadas oralmente a partir do livro. Você já leu o livro? **Se não leu o livro**, escreva um parágrafo, comentando se tem interesse em lê-lo e argumente suas razões para desejar lê-lo, mesmo já conhecendo a história. **Se você já leu o livro**, escreva um parágrafo, comentando quais características da narrativa do livro o distinguem da narrativa do filme. Além disso, escreva qual das duas *versões* da história você preferiu (o livro ou o filme) e justifique sua resposta.
- b) Leia as imagens a seguir. Depois disso, responda: Tendo em vista seu conhecimento prévio a respeito da personagem Alice original, a representação de Alice na capa da Fanfic causa estranhamento a você? Em sua resposta, levante também hipóteses: Por que na Fanfic as características das três Sábias foram descritas e as de Alice não foram, tendo em vista que seus traços físicos não estão como na narrativa original?

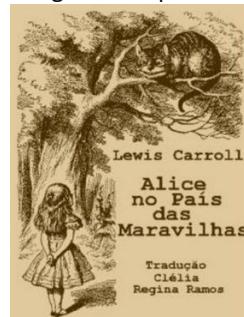
Imagen 1: Capa original de Alice no país das Maravilhas



Fonte:

<https://www.camara.leg.br/radio/programas/541346-em-1865-foi-lancado-o-livro-alice-no-pais-das-maravilhas/>

Imagen 2: Capa de Alice versão português



Fonte:

<https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>

Imagen 3: Capa da Fanfic



Fonte:

<https://www.spiritfanfiction.com/historia/alice-no-pais-do-conhecimento-26365422>

c) Leia as informações do quadro abaixo. Depois, responda ao que se pede.

Quadro 1: Quadro com quatro gêneros textuais de base predominantemente narrativa



Fonte: Elaboração própria

- Em qual (ou quais) dos gêneros acima a narrativa “Alice no país das maravilhas” pode ser enquadrada? Comprove sua resposta com elementos da própria história.
- Em qual ou quais dos gêneros acima a narrativa “Alice no país das maravilhas” **não** poderia se enquadrar? Comprove sua resposta com elementos da própria história.

Desafio:

Por que você considera que estamos utilizando o termo “predominantemente” para falar sobre as bases textuais? (Texto de base “predominantemente” narrativa; “predominantemente” descritiva, “predominantemente” argumentativa)

- d) A citação a seguir foi copiada do livro teórico **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Esta citação explica a intertextualidade. Com base na citação, escreva que tipo(s) de diálogo(s) a *fanfic* “Alice no país da Metodologia” estabelece com o livro original “Alice no país das maravilhas”? Fundamente sua resposta.

“[Intertextualidade é] um diálogo entre textos específicos, entre composição de gêneros e entre estilos autorais” (Cavalcante et al, 2022, p. 375).

- Quais aspectos linguísticos, caracterização dos personagens, ou situações indicam que este texto dialoga com o original?
- Quais características mostram que não se trata da história original, mas de uma recriação?
- Por que identificar intertextualidade é importante para se reconhecer uma *fanfic*?

Pausa para saber mais

Você já ouviu falar em Albert Einstein? Em Isaac Newton? E em Galileu Galilei?

Mas você já ouviu falar em Luiz Antônio Marcuschi?

Que tal conhecer um pouco mais sobre ele e sobre uma parte da ciência da linguagem, denominada de Linguística Textual? Relaxa! As informações contidas no quadrinho não são assunto de prova, maaaaas podem ser assunto de vida!



Parte IV – Questões de base linguístico-textual-discursiva

No trecho “Alice **caminhava** sem rumo, até que **chegou** ao alto de uma montanha coberta por uma névoa espessa”, que diferenças você percebe nas formas verbais “caminhava” e “chegou”? Como a escolha desses tempos verbais contribui para o efeito narrativo?

Ao dizer “Eu sou a forma pela qual investigamos o mundo”, a personagem Metodologia combina duas pessoas verbais distintas: a primeira do singular e a primeira do plural. Escreva, na forma de um parágrafo: Que efeito de sentido essa escolha pode gerar e a quem poderiam se referir esse “eu” e esse “nós”. Fundamente sua resposta com pistas do próprio texto.

No momento em que a Sábia Epistemologia é apresentada, lê-se, no texto, expressões como “às vezes um olho, às vezes um livro em chamas”. A repetição da estrutura sintática, somada à variedade de imagens podem estar sugerindo sobre a identidade da personagem? Fundamente sua resposta com outros excertos do próprio texto.

Um texto precisa cumprir seu propósito comunicativo. Assim sendo, em qualquer texto, as palavras são selecionadas de acordo com o objetivo ou a intenção do texto. A escolha por uma palavra/expressão, e não por outra, portanto, carrega os sentidos do texto. É isso que os especialistas querem dizer, quando explicam que as palavras cumprem “função discursiva”.

Nos trechos a seguir, compare as duas ocorrências da palavra “então”. Depois, faça o que se pede.

“— **Então** você ajuda a responder... se algo é real ou não?”

“(...) **então**, não poderei ser eu!

“Até **então**, para Alice, só o senhor Coelho e a Rainha Vermelha pareciam saber tanta coisa!”

No quadro acima, há três trechos em que o sintagma “então” não cumpre a mesma função discursiva. Analise o valor semântico do sintagma então em cada trecho, a partir destas três perguntas: Em qual dos trechos a palavra “então” funciona para marcar uma relação de condição na construção da personagem? Em qual deles “então” funciona para marcar temporalidade na narrativa? Em qual dos trechos a palavra “então” funciona para enfatizar um aspecto da narrativa? Após empreender esta análise, responda suas respostas às três perguntas em um único parágrafo – coeso, coerente e bem fundamentado. Para a fundamentação da sua resposta, utilize outra palavra ou expressão que possa substituir o sintagma “então” em cada um dos três trechos, sem que cada uma de suas funções discursivas se modifique.

No trecho “Alice olhou para as três chaves: **prata, ouro e ferro**”, o referente chave é construído a partir de sua característica.

- Que pista(s) linguística(s) presente(s) no cotexto leva você a concluir que “prata” refere-se a chave de prata, “ouro” refere-se a chave de ouro e “ferro” refere-se a chave de ferro?
- Como a pontuação do trecho colabora para essa compreensão?
- Por que essa escrita mais enxuta pode ser compreendida como coerente com o todo da narrativa?
- Que impacto uma escrita mais completa “chave de...” poderia gerar na narrativa?

No trecho final, “sem certezas absolutas, mas com mais perguntas do que nunca”, a conjunção “mas” estabelece uma relação lógica entre duas ideias. Que tipo de relação há entre os dois trechos? A substituição do conectivo “mas” pela conjunção aditiva “e” prejudicaria o sentido do trecho? Justifique sua resposta.

Na oração “Epistemologia riu suavemente”, o sintagma adverbial “suavemente” tem um papel importante na caracterização da personagem. Como você imagina que seria a cena se, no lugar desse termo, fosse usado outro, como “alto” ou “sarcasticamente”?

No trecho “envolta em pedra viva, mas com rachaduras por onde vazavam raízes, estrelas, fósseis...”, há uma mistura de elementos concretos e simbólicos. Que recursos linguísticos você percebe aí? Como essas escolhas da ordem do morfossintático ajudam a compor o tom misterioso da personagem?

Parte V – Orientações pedagógicas

1. DIRETRIZES GERAIS

Este plano poderá ser executado em dois períodos de cinquenta minutos, cada, com o seguinte objetivo geral: 1) Refletir sobre o discurso científico por meio da fanfic “Alice no país da Metodologia”. O objetivo poderá desdobrar-se nos seguintes objetivos específicos sugestivos: a) provocar criação de perguntas a partir da leitura do texto; b) colaborar em equipe, focando na estrutura, nas particularidades do gênero e nos elementos linguísticos; e c) estudar a narrativa sob abordagem morfossintática.

2. DIRETRIZES ESPECÍFICAS

- Adotar uma abordagem leve e indutiva, estimulando os alunos a investigarem os conceitos filosóficos que pautam o fazer científico: ontologia, epistemologia e metodologia.
- Dar preferência a perguntas instigantes, para incitar debates (“O que caracteriza a realidade?”; “Qual a razão dos nomes das coisas?”).
- Relacionar teoria e situações concretas do cotidiano dos estudantes.

Registrando os saberes: O professor pode solicitar que os alunos redijam uma “explicação excêntrica” (no estilo do País das Maravilhas) do que aprenderam.

Avaliação lúdica:

- O professor pode solicitar que o estudante pesquise e apresente de maneira não convencional algum saber relacionado à metodologia científica. (Ex: “Explicação da abordagem quali-quantitativa falada de trás para frente”).

Objetivo geral:

- Demonstrar que as disciplinas escolares, a criatividade e a descoberta científica não funcionam isoladamente, mas são instrumentos para se descobrir o mundo — mesmo que isto ocorra de modo tão surreal quanto no País das Maravilhas!

3. DICAS PARA A CONDUÇÃO DA EXPERIÊNCIA

- Utilizar recursos visuais: fotografias dos personagens, excertos do livro em cartazes.
- Promover dramatização: os alunos podem “representar”.

Referências

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* Intertextualidades. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 23 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas Latinoamericanas Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277

RESENDE, Viviane (Org.). **Estudos do Discurso** – Relevância social, interseccionalidade, interdisciplinaridade. Campinas: Pontes Editores, 2022.

WALSH, Catherine. **Entretejiendo Lo Pedagógico Y Lo Decolonial**. Luchas, Caminos Y Siembras De Reflexión Acción Para Resistir, (re)existir Y (re)vivir. Alternativas, 2017.

PICCOLI, Marcia Speguen de Quadros; STECANELA, Nilda. Popularização da ciência: uma revisão sistemática de literatura. **Educação e pesquisa**, v. 49, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://abrir.link/kjqGm>.